

“O que é que Tucano tem?” – a memória discursiva no vídeo “Fazenda Kaikai”

"What does Tucano have?" - the discursive memory in the video "Fazenda Kaikai"

Raíne Simões Macedo*
Universidade do Estado da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Gilberto Nazareno Telles Sobral**
Universidade do Estado da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: A Análise de Discurso Francesa se interessa por compreender a práxis simbólica, a linguagem como prática de sentidos. Sentido é história e é nesta/por esta que o sujeito do discurso se constitui. Assim, este artigo objetiva analisar, baseado na Análise de Discurso filiada a Pêcheux, o papel da memória discursiva enquanto efeito de sentido no discurso do vídeo “Fazenda Kaikai”, do canal “Bora?”, e como os discursos se movimentam para significar a cidade de Tucano. Esta pesquisa faz parte da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (UNEB), na linha de pesquisa Linguagens, Discurso e Sociedade. O corpus selecionado é o vídeo “Fazenda Kaikai”, o qual trata da história da cidade de Tucano, publicado na plataforma YouTube. A pesquisa teve como base teórica os textos basilares de Pêcheux e Orlandi, principalmente, e a metodologia utilizada foi de natureza descritivo-interpretativa. Os resultados da análise permitiram observar os efeitos de sentidos constituídos pela memória por meio da paráfrase, polissemia, não-dito, esquecimentos e deslizamentos, além do jogo imaginário no qual se estabelecem as posições dos sujeitos do discurso, uma vez que ao dizer, o sujeito tem a ilusão de que é a origem desse dizer, mas, na verdade, ele é um efeito do simbólico, interpelado pela ideologia, inscrito em uma memória discursiva.

Palavras-chave: Análise de Discurso Francesa. Memória Discursiva. Interdiscurso. Intradiscurso. Tucano-BA.

Abstract French Discourse Analysis is interested in understanding symbolic praxis, language as a practice of senses. Sense is history and it is in this / by this that the subject of speech is constituted. Thus, this article aims to analyze, based on the Speech Analysis affiliated to Pêcheux, the role of the discursive memory as an effect of meaning in the discourse of the video "Fazenda Kaikai", of the channel "Bora?". And how the discourses move to signify the city of Tucano. This research is part of the master's thesis of the Post-Graduate Program in Language Studies (UNEB), in the research line Languages, Discourse and Society. The corpus selected is the video "Fazenda Kaikai", which deals with the history of the city of Tucano, published on the YouTube platform. The research was based on the basic texts of Pêcheux and Orlandi, mainly, and the methodology used was descriptive-interpretative in nature. The results of the analysis allowed us to observe the effects of the senses constituted by memory through the paraphrase, polysemy, unspoken, forgetfulness and slips, besides the imaginary game in which the positions of the subjects of the discourse are established,

*Mestranda em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/FAPESB), Salvador, Bahia, Brasil. Contato: E-mail: rainemacedo@gmail.com

**Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil, e Prof. Titular da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: contato: gsobral@uneb.br.

since in saying, the subject has the illusion that it is the origin of this saying, but, in fact, it is an effect of the symbolic, interpellated by the ideology, inscribed in a discursive memory.

Keywords: French Discourse Analysis. Discursive Memory. Interdiscourse. Intradiscourse. Tucano-BA.

1 INTRODUÇÃO

O mundo só ganha sentido para o homem por meio da linguagem. Tudo o que se significa só é possível porque a linguagem, de natureza simbólica, é o modo pelo qual o ser humano percebe o mundo a sua volta e se relaciona com o mesmo. Esta concepção de linguagem, em sentido amplo, como prática social e instrumento de mediação, só foi adotada a partir da década de 1960, quando se percebeu que a mesma não se constituía apenas de língua e fala, conforme defendeu o pai da linguística moderna, Ferdinand de Saussure, mas também de ideologia. No entanto, para trabalhar com essa nova concepção era necessário estudar a linguagem noutra nível que não fosse somente a sua ordem interna, mas no nível do discurso, lugar de efeitos de sentido entre interlocutores, entre classes sociais e ideologias, no espaço de luta.

Desse modo, a partir das contribuições de Michel Pêcheux e seu grupo de pesquisa, em 1960, na França, criou-se a teoria Análise de Discurso Francesa (doravante ADF) a fim de estudar a linguagem considerando o funcionamento discursivo, ou seja, suas condições de produção, suas formações ideológicas e discursivas. Para tanto, o filósofo francês teve de delimitar a base teórico-epistemológica dessa teoria articulando-a às Ciências Humanas e Sociais (Materialismo Histórico e Psicanálise) e à Linguística.

Assim, considera-se que todo discurso está atrelado à história, a qual tem seu real afetado pelo simbólico, pela linguagem, e que o sujeito do discurso é determinado por essas condições sócio-históricas e ideológicas, ou seja, ele é inconsciente do modo pelo qual os sentidos se constituem em seus dizeres. É justamente por causa dessas noções de discurso, sujeito, sentido, memória discursiva, interdiscurso e intradiscurso, além de outras, que se elegeu como base teórica deste artigo a ADF, por meio das contribuições de Pêcheux, Orlandi, Gregolin, dentre outros, que permitirão analisar o *corpus* desta pesquisa, o vídeo “Fazenda Kaikai”, produzido pelo canal “Bora?”.

Em 27 de março de 2014, na plataforma YouTube, três estudantes tucanenses (A.M.S.N., C.A.D. e M.C.C.F.), criaram um canal chamado “Bora?” com o intuito de convidar as pessoas a conhecerem a história de uma pequena cidade baiana, Tucano. A equipe divulga, por meio de relatos orais de diversos moradores e estudiosos da cidade, os segredos e as histórias sobre Tucano. Os vídeos não foram publicados obedecendo a uma sequência cronológica, mas foram produzidos numa estrutura constituída de quatro eixos temáticos: a terra, o povo, a feira e as festas. No caso do vídeo “Fazenda Kaikai”, um dos primeiros publicados, é possível perceber, por meio de uma breve leitura, que a história do povo tucanense, da origem do nome da cidade e de sua memória (no sentido estritamente histórico do termo, e não discursivo) é mais enfatizada.

Assim, a questão de pesquisa que norteia este artigo é: quais efeitos de sentidos são produzidos, por meio da memória discursiva, no vídeo “Fazenda Kaikai”, do canal “Bora?”? O objetivo geral, portanto, será analisar o papel da memória discursiva enquanto efeito de sentido no discurso do vídeo e como os discursos do mesmo se movimentam para significar a cidade de Tucano, com base na ADF. Como objetivos específicos, tem-se: a) investigar as condições de produção do *corpus* selecionado; b) analisar de que maneira a cidade de Tucano é significada na relação entre interdiscurso e intradiscurso; c) demonstrar como os lugares dos sujeitos discursivos se constituem na medida em que a memória discursiva é acionada nas histórias/relatos sobre Tucano.

Ressalta-se que a finalidade não é descobrir o(s) sentido(s) verdadeiro(s) sobre a história de Tucano, nem mesmo desvendar a real identidade da cidade ou se a mesma aparece, até porque, a identidade de uma cidade não pode ser vista como algo estático, mas como um conjunto de faces sobre a mesma. A ADF não cumpre este propósito, mas se debruça sobre os efeitos, os deslizamentos de sentidos, se atentando para o não dito, à ideologia, à historicidade, ao discurso. Este é o alvo que se procura atingir, mas o caminho e o resultado dessa análise não são únicos, são apenas mais uma possibilidade de leitura. O discurso tem dessas coisas, cada analista, a partir das questões que lhe suscitam, mobiliza conceitos e formulações que outro analista não o faria (ORLANDI, 2009).

No que tange à estrutura deste trabalho, organizou-se em três seções, além desta: em *Discurso: acontecimento e memória*, será feito um levantamento bibliográfico de como a ADF concebe o discurso e como este se configura acontecimento e efeito da memória discursiva; em *O que é que Tucano tem? – um gesto de interpretação*, realizar-se-á a análise discursiva a fim de alcançar o objetivo desta pesquisa e, conseqüentemente, responder a sua questão; por fim, em *Considerações Finais*, serão explicitados os resultados provenientes da análise.

2 DISCURSO: ACONTECIMENTO E MEMÓRIA

Para a ADF, observar a língua em exercício na sociedade é fazer um estudo do discurso, o qual é definido como a “palavra em movimento, prática de linguagem” (ORLANDI, 2005a, p. 15), acontecimento, um objeto social, histórico e ideológico por meio do qual é possível observar o sujeito falando. Esse sujeito, em ADF, é sempre assujeitado às ideologias, à história, aos equívocos da linguagem, e, além disso, segundo Possenti (2011, p. 387), faz-se necessário destacar que “não são os homens, considerados em sua concretude, que fazem a história, porque dizer isso levaria este enunciado a compor-se com discursos que aceitam que a história é feita pelos homens”. Essa ideia de que não há um sujeito que seja dono do seu próprio dizer, que seja a origem da história, de sujeito assujeitado, faz parte também da contribuição de Althusser à ADF, além do conceito de sujeito inconsciente, advindo de Freud, mas revisto ao modo lacaniano por Pêcheux, em sua obra “Semântica e Discurso” (1995).

É por conta de esse sujeito ser clivado e assujeitado, e pela linguagem possuir furos, ou seja, equívocos, ambigüidades (FERREIRA, 2005), que o sentido não pode ser

considerado pela ADF como aquilo que está evidente, conforme foi pensado pela semântica formal, mas como um efeito de linguagem. É também por isso que o analista não procura um sentido verdadeiro no texto, mas possíveis leituras dele, possíveis efeitos de sentidos que são produzidos por meio da ideologia e do inconsciente dos sujeitos. Isto se torna possível porque todos têm um “saber discursivo que não se aprende” (ORLANDI, 2005b, p. 11), ou seja, uma memória discursiva “não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas [...]” (PÊCHEUX, 2007, p. 50). Dito de outro modo, nesta memória há todos os já-ditos que se constituíram através da história, tornando possível todo dizer. Esses entrecruzamentos de que fala Pêcheux são vários outros discursos que dialogam entre si, que estão ligados a outros já-ditos, constituindo a memória discursiva. Estes já-ditos, conceituados como interdiscurso, atravessam o intradiscurso, isto é, “o fio do discurso” ou, nas palavras de Pêcheux (1995, p. 166), “o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois”.

Assim, sempre que houver vários dizeres com regularidades em comum, haverá uma formação discursiva (doravante FD), ou seja,

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2009, p. 133).

É válido destacar que, por se tratar de um conjunto complexo de regularidades entre discursos, não se pode pensar que a FD é, por isso, homogênea. Em virtude de os dizeres sempre serem atravessados por outros e por concepções ideológicas diversas, tem-se heterogeneidade discursiva em cada FD, pois é natural e inevitável que os discursos tenham várias vozes e diversos outros discursos. É por causa dessa concepção de heterogêneo que o discurso se faz acontecimento.

Além disso, toda e qualquer FD está ligada a formações ideológicas (doravante FI), ou seja, a “um conjunto complexo de atitudes e representações”, podendo abarcar mais de uma FD (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2007, p. 26). Nota-se, então, que a ADF trabalha com um conceito de ideologia diferente do que se defendia como um conjunto de ideias de um determinado grupo social. A definição se alarga para práticas sociais.

Desse modo, considerando o discurso como uma estrutura e não como um amontoado de frases, é preciso explicitar que todo dizer tem um funcionamento discursivo, uma atividade estruturante composta de formação discursiva, formação ideológica e condição de produção (ORLANDI, 2005a). Este último, segundo Orlandi (2005a), deve ser considerado tanto em sentido estrito (no contexto imediato de produção) como em amplo (condições sócio-históricas).

Na relação entre dito e já-dito, também há o silenciamento no discurso, o não-dito, que por sua vez configura o que se chama de “furo” na linguagem (ORLANDI, 1995, p.12-13). Na perspectiva de Ferreira (2005), este furo, esta falta na linguagem, vale

ressaltar, é provocado pelo sujeito, um *ser-em-falta*, sempre desejante, afetado por três ordens (a linguagem, a ideologia e o inconsciente). Em cada uma destas, o sujeito do discurso deixa a falta, o não-dito, o equívoco, a contradição, justamente por ser clivado, descontínuo por natureza, com a ilusão de que é a origem de seus dizeres, quando, na verdade, tudo o que diz agora nada mais é do que um dizer entre tantos outros já-ditos na história. Mas, “é precisamente essa falta que vai acabar tornando-se o lugar do possível para o sujeito desejante [...] já que a falta é algo que nos completa pela ausência – ‘é a presença na ausência’” (FERREIRA, 2005, p. 71). Em outras palavras, a autora explica que se o sujeito fosse pleno e a linguagem, abstrata, não haveria diversos efeitos de sentidos, nem mesmo deslizamentos, desvios. O sentido seria literal, não havendo na língua “o lugar do possível e do impossível” (FERREIRA, 2005, p.72).

A memória discursiva, a qual “produz a lembrança ou o esquecimento, a reiteração ou o silenciamento dos enunciados” (GREGOLIN, 2007, p. 159), vai estreitar ainda mais a relação da história com o discurso, pois os sentidos são sempre históricos e ideológicos, usados pelo sujeito no interdiscurso, no já-dito, a partir de dada FI (COURTINE, 2009). Tal relação se faz possível porque “uma formulação-origem retorna na atualidade de uma *conjuntura discursiva*, que designamos como efeito de memória” (COURTINE, 2009, p. 104, grifo do autor).

Para entender esta afirmação, é preciso saber que Pêcheux defende que o sujeito dotado de saber numa determinada FD é conceituado como forma-sujeito (GRIGOLLETO, 2005). A forma-sujeito não é, ressalta-se, uma substância, mas uma configuração dada historicamente, uma forma na qual os sujeitos do discurso se (des)identificam, produzindo efeito de unidade e evidência. Todos acreditam ser essa forma-sujeito, esse sujeito da palavra, livre, autônomo, no entanto, nada mais são do que assujeitados a essa forma constituída histórica e ideologicamente.

Aprofundando a relação do discurso com a história, ainda vale destacar a noção foucaultiana de arquivo, o qual, neste contexto, nada tem a ver com a totalidade de saberes de uma sociedade, de uma cultura, do passado, registrados ou não por instituições, mas de tudo que já foi dito, independentemente de quem ou quando disse, que surge

não segundo as leis do pensamentos, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias, [...] mas que tenham aparecido graças a todo um jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo; [...] O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares (FOUCAULT, 2008, p. 147).

É também por essa razão que se pode explicar a multiplicidade discursiva com regularidades que possibilitam ao enunciado tanto subsistir ao tempo, como se modificar ao longo dele (FOUCAULT, 2008). Diante dessas concepções teóricas, é possível analisar o papel da memória discursiva enquanto efeito de sentido no discurso do vídeo “Fazenda Kaikai”, do canal “Bora?”, conforme se verá na próxima seção.

3 “O QUE É QUE TUCANO TEM?” – UM GESTO DE INTERPRETAÇÃO

Situada no sertão baiano e emancipada em 21 de março de 1837, Tucano dispõe, atualmente, de uma população estimada em 52.540 habitantes, residentes, em sua maioria, na zona rural (IBGE, 2017). Sua economia se desenvolve, principalmente, por meio da agricultura, da pecuária, do artesanato e do turismo, em especial, nos distritos de Caldas do Jorro e de Jorrinho (famosos por conta das águas quentes) e do Tracupá (com a produção e exportação de artesanato em couro). Graças ao trabalho histórico de Rubens Rocha (, publicado em 1987, pudemos conhecer um pouco mais sobre os primeiros habitantes, os nomes, as manifestações culturais e os modos de sobrevivência na época da fundação dessa cidade. Desde então, Tucano tem sido objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento como da arquitetura, do turismo, da educação, da linguística, da história e de outras, conforme constou da literatura pesquisada.

Um exemplo da notoriedade que a cidade tem ganhado é justamente o canal “Bora?”, da plataforma YouTube, criado em 2014, por três jovens tucanenses (A.M.S.N., C.A.D. e M.C.C.F.), responsáveis por criar um “movimento jovem-cultural, responsável pela produção audiovisual, fotográfica e literária na cidade” (A VOZ DO CAMPO, 2017). Atualmente, o canal tem vinte vídeos diversificados, cada um tem uma ou mais diferentes histórias a apresentar, mas todos têm algo em comum: a pergunta inicial “O que é que Tucano tem?”. Todos iniciam com uma vinheta, na qual contém, além de imagens, um texto verbal com o tema central (O que é que Tucano tem?) e com os eixos temáticos (a terra, o povo, a feira, as festas).

Assim, ao iniciar esta análise não se pode ignorar que o vídeo “Fazenda Kaikai”, assim como os outros, começa não só com as imagens do sertão baiano e das riquezas naturais e culturais, mas também com esta paráfrase (“O que é que Tucano tem?”) da canção “O que é que a baiana tem?”, composta por Dorival Caymmi e gravada por Carmen Miranda. De que forma esta paráfrase se relaciona com o discurso e com esta análise? Por se tratar de uma reformulação do dizer, tem-se uma retomada a outros dizeres, a qual constitui um processo de efeitos de sentido no interdiscurso (ORLANDI, 1998).

A canção de Dorival tem algo em comum com o tema do canal “Bora?”. Ambos apresentam particularidades culturais e regionais de determinado povo: na canção, das baianas; no vídeo, dos tucanenses. Tanto o discurso de Dorival quanto o dos estudantes tratam da cidade de onde pertencem. Esta comparação se faz com o intuito de demonstrar que o objetivo de ambos é o mesmo. Mas, tendo em vista que a ADF não compreende como análise essa mera descrição/comparação, nem mesmo o sujeito como indivíduo, é preciso analisar esse atravessamento de discursos entre o tema do vídeo e a canção.

A música “O que é que a baiana tem?” foi cantada por Carmen Miranda, no filme “Banana da Terra”, em 1938, e desde então passou a ser uma das mais conhecidas músicas do cancioneiro nacional, pois, nela, “Caymmi procurou explicitar a beleza que considerava peculiar à mulher baiana” (PUC-RIO, S/D, p.101). Como se sabe, após esta canção, a imagem de Carmen Miranda ficou ainda mais associada à sua figura de baiana,

justamente por conta da letra, da interpretação e dos acessórios e vestimentas que a cantora utilizava sempre que apresentava essa música. Cada objeto em seu corpo – as frutas sobre a cabeça, os colares grandes e volumosos, a saia rodada, a roupa branca, a maquiagem etc. – se constituía parte de um discurso que se relaciona com tantos outros, por exemplo, a figura do africano na formação do povo brasileiro e, neste caso, do baiano.

Assim, sendo a paráfrase um processo de efeito de sentido produzido nos já-ditos (como é o caso da canção “O que é que a baiana tem?”, a qual veicula tantos outros já-ditos), nota-se que o discurso do vídeo “Fazenda Kaikai” já aciona, inicialmente, uma memória discursiva que legitima o seu dizer, abrindo espaço para o novo. Este novo está associado à polissemia, ou seja, ao “deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco” (ORLANDI, 2005a, p. 36). Dito de outro modo, em “O que é que Tucano tem?” tanto se mostra o dizível, o que se mantém (a história de um povo), quanto se transborda outros efeitos de sentido (a história do povo de Tucano).

Compreendido isto, o vídeo segue com respostas curtas à pergunta/tema. Primeiro, com crianças e adolescentes com fardamento de uma escola pública, as quais respondem “Nada!”. Logo após, três estudantes adolescentes de uma escola particular que dizem: “A Praça da Caixa d’Água... Tá vazando a caixa, por exemplo, tem gente lá tomando banho, entendeu? E ninguém se importa com isso”.

Conforme já explicitado na seção anterior, o sujeito, em ADF, não se trata do indivíduo, portanto, não tem controle sobre a forma como os sentidos vão se constituindo nos seus dizeres (ORLANDI, 2005). O sujeito do discurso é um lugar social, interpelado pela história e pela ideologia, que ocupa para constituir o discurso. O vídeo em análise é um discurso, um dentre uma teia discursiva, por isso, os efeitos de sentidos de cada sequência discursiva, de cada imagem, da organização/edição/modo como as cenas foram dispostas, produzem uma gama de gestos de interpretação entre interlocutores. Desse modo, não se trata de analisar a intenção dos produtores do vídeo, até porque não é esse o objetivo da ADF, mas de investigar os não-ditos, os desvios, os deslizamentos, os equívocos provocados na linguagem, e de tratá-los como natureza, parte elementar da língua e não como incoerência, má comunicabilidade ou algo do tipo.

O fato de trazer as crianças e adolescentes de escola pública com uma visão de que na sua cidade não tem nada, e, posteriormente, apresentar três estudantes também adolescentes, de escola particular, expondo um patrimônio cultural (a Praça da Caixa d’Água) em sua fala, pode causar um efeito de que há menos conhecimento sobre sua própria região no ensino público que no privado. Esta possível leitura se dá por meio do silenciamento. Em momento algum no vídeo se explicitou esta interpretação, mas o não-dito é justamente o que vai cooperar para esta análise. Esta relação entre o dito e o não-dito, no vídeo, remete ao já-dito, à memória discursiva de que o melhor ensino é o da escola particular, de que os alunos desta têm maior senso crítico acerca de seu meio do que os alunos de escola pública.

Depois, um suposto morador, numa feira de frutas e verduras, responde à questão temática: “Aqui é uma cidade maravilhosa... É... Um lugar sossegado...”. Acerca desse

discurso, nota-se outra paráfrase de outra canção nacional muito famosa: “Cidade Maravilhosa”. Esta é o hino da cidade do Rio de Janeiro, uma marchinha composta por André Filho para o carnaval de 1935, oficializada como hino em 1960. Nela, também se faz referência às belezas naturais da cidade, assim como o morador, no vídeo, relaciona a “maravilha” de Tucano (também) ao “sossego” da mesma. Observa-se a polissemia, pois há outros sentidos surgindo dessa paráfrase.

Ao término da vinheta, apresenta-se a fala de um historiador e tucanense, autor de uma antiga obra, “A História de Tucano”, publicada em 1987, pela Universidade Católica do Salvador, Rubens Rocha: “Porque Tucano é uma das cidades mais antigas daqui... É... Da região”. Neste discurso, há um conteúdo mais histórico, pois se destaca a cidade como uma das mais antigas em comparação com as outras mais próximas. Além disso, tem-se uma estratégia de confirmação da verdade, uma posição de sujeito atestador, por conta da relação entre o saber e o poder. O discurso científico e, conseqüentemente, do cientista, tem um caráter de verdade absoluta, principalmente, diante das pessoas de modo geral. As possíveis leituras que se faz desta seqüência discursiva, disposta no final da vinheta, após as outras já mencionadas aqui, são: Rubens Rocha, cientista, historiador, ocupa o lugar social de sujeito dotado do saber sobre Tucano e mais apto para atestar a verdade acerca da cidade.

Para melhor fundamentar esta relação entre saber e poder, Foucault (2008) defende que são indissociáveis justamente porque são as relações de poder que legitimam o saber. Essa relação de poder não é vertical, segundo o filósofo, mas multidirecional. Assim, cada grupo, cada instituição, cada sujeito mantém relações de poder para garantir seu espaço, e quanto ao saber, consiste “no domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico” (FOUCAULT, 2008, p. 204).

Após os cinquenta segundos, a narrativização da história da cidade se inicia com a seguinte pergunta do entrevistador: “E em 1600, o que é que tinha aqui?”. Curiosamente, a primeira resposta do Sr. José Luís de Andrade é: “Nada! Nada!”, a qual remete ao discurso no início do vídeo. No entanto, baseado na história e na diferença entre as idades das crianças e do Sr. José Luís, esta palavra “nada” muito tem a dizer. As crianças podem considerar “nada” a ausência de entretenimentos grandiosos e atrativos na sua cidade, à rotina pacata ou “sossegada”, como disse o suposto morador. Já para o Sr. José Luís, conforme continua falando, “nada” se refere à ausência de civilização, quando o mesmo diz: “Nada! Nada! A civilização começou naquela casa ali. Ela data de 1633, veja bem, a posse da terra, né? Era uma Sesmaria de terra. (lendo um documento) Dom João de Saldanha da Gama de Melo e Torres”.

A palavra civilização advém do latim *civita* que designa *cidade*, e *civile* (civil), o seu habitante¹. Desse modo, pelo viés do significado dicionarizado da palavra, o efeito de sentido apreendido dessa seqüência discursiva diz respeito ao início da formação da cidade, representada, neste caso, pela casa e a posse da terra, em 1633. Mas, do ponto de vista social e histórico, as palavras muitas vezes ganham sentidos pejorativos e podem

¹ <http://origemdapalavra.com.br/site/pergunta/civilizacao-e-civil/> Acesso em 28 ago 2017.

influir em outros dizeres. Civilização pode se contrapor a barbárie ou selvageria, o que tornaria os índios Kariris – primeiros habitantes da cidade de Tucano, segundo as versões históricas sobre a origem da cidade (ROCHA, 1987), – selvagens, aculturados.

O Dom João de Saldanha da Gama de Melo e Torres foi, segundo o Sr. José Luís, “o primeiro dono da fazenda, vendida por procuração ao português Manoel José de Andrade”. A fazenda da qual se fala era chamada Fazenda Aldeia, em 1833, ano em que, de acordo com Rocha (1987), foi vendida para o Dom João Melo e Torres, hoje, chama-se “Fazenda Kaikai”, um patrimônio cultural da região, construído por portugueses que vieram morar na cidade para criar gados e irrigar as terras.

Conforme foi salientado na seção anterior, o sentido não pode ser literal, pois para isso necessitaria que a língua fosse transparente; não é estático, mas está sempre em curso, se movendo dentro de determinadas condições sócio-históricas de produção. Nesses processos de efeitos de sentido, as práticas discursivas são sempre atravessadas por vozes variadas. Numa conversa ou entrevista (como é o caso do vídeo), volta e meia, vê-se outras vozes em um discurso conforme se pode notar no seguinte enunciado: “Agora, meu pai dizia que a influência maior mesmo era Dr. Theotônio Martins de Andrade”. Aqui há o atravessamento de um discurso com o dizer do pai, no passado, e isso ocorre diversas vezes: “Eu até, uma vez, brincando com ele, ‘papai, por que é que o Sr. não foi o primeiro?’. Disse ‘não... eu deixei pro Heraclides, ser o primeiro’ [...] Papai disse ‘era outro que não tinha visão’. Que em 48, aquela água do Jorro era para tá aqui, e o Heraclides não deixou. Meu pai disse ‘eu trago a água do Jorro pra aqui’ [...]”.

Posteriormente, Rubens Rocha, o mesmo autor da obra “História de Tucano” (1987), é entrevistado no vídeo. Neste discurso há resquícios de objetividade, e não de subjetividade como no caso dos dizeres dos outros sujeitos falantes, por exemplo, do Sr. José Luís. Por ser cientista, historiador, seu discurso é mais polido àquela situação comunicativa, conforme se vê nas respostas sobre a origem do nome da cidade.

Sr. José Luís: “Por que Tucano? Nunca teve esse pássaro aqui! Mas o padre José me disse ‘Não... diga ao seu pai que aqui pertencia a uma tribo de índio, os tocanos, que vem de toca”.

Rubens Rocha: “Em 21 de março de 1837, Tucano se emancipou de Itapicuru de Cima, né, como chamam. Passou de aldeia ou povoado pra vila, com um nome até pomposo, né, Imperial Vila de Tucano, né?”.

Tanto num discurso quanto no outro há memórias acionadas. Na fala do Sr. José Luís, tem-se não só a representação do padre, representante da religião predominante na cidade, e de seu próprio pai como sujeitos legitimados a dizer a verdade sobre a tão antiga história de Tucano. Já no dizer de Rubens Rocha, nas datas precisas, com dia, mês e ano, as informações como “Itapicuru de Cima” e “Imperial Vila de Tucano”, há o efeito forma-sujeito, aquele que detém o saber, o conhecimento, que dentre as relações sociais tem o poder legitimando esse saber, segundo Foucault (2008). Acerca disso, Cutrim e Cerveira (2016, p. 32-33), defendem que

alguns enunciados devem emergir em um dado momento histórico e dependendo da posição dos sujeitos e de suas formações discursivas, esses enunciados são moldados, coordenados, reformulados, e, nessa imagem entre o dito e o não-dito, deixam transparecer os espaços ocupados pelos sujeitos na enunciação, a partir de uma relação que se dá entre saber e poder.

Note-se essa ocupação dos espaços pelos sujeitos da enunciação nas seguintes respostas:

Rubens Rocha: “O piso, onde tem uma boa parte da história de Tucano, né, que antigamente eram enterradas as pessoas da comunidade, dentro da igreja já não era mais o original”.

Sr. José Luiz: “Eu acho que a Aristocracia de Tucano toda foi enterrada ali”.

Rubens Rocha: “O conde, o Padre Vigário de Antônio Martins, a esposa de Dr. Theotônio Martins, Dona Joaquina e tantos outros”.

Sr. José Luiz: “Eu acho que meu bisavô tá lá”.

Na fala de Rubens Rocha há sempre a afirmação presente, aspecto próprio do discurso científico o qual trabalha com fatos, verdades. No caso do Sr. José Luís, há a presença da palavra “acho”, característica da subjetividade, das contações de histórias que podem ser traídas pelo tempo. Além disso, ambos os dizeres remetem a memória discursiva de um povo marcado pela aristocracia não só por esta palavra aparecer explicitamente na resposta de José Luís, mas por aparecer também implicitamente nas respostas de Rubens Rocha. Não só se produz o efeito de sentido de que houve uma aristocracia na cidade, mas do privilégio histórico que os nobres ganharam (e ganham até hoje) tanto nos discursos, quanto nos patrimônios culturais da cidade como a Igreja Matriz.

Por fim, ao ser questionado se a lápide de seu bisavô ainda estava no piso da Igreja, o Sr. José Luís negou: “Agora, um dia, eu fui lá ver essa lápide e não achei. Aquilo ali me deu um constrangimento viu? Não é assim que se acaba a memória de uma cidade, rapaz. Uma cidade tem que ter memória! Eu sempre defendo isso, né? Um povo sem memória, o que é?”.

Entrevistador: “Nada”.

Sr. José Luiz: “Nada”.

Neste caso, o termo “memória” não é o mesmo que tem sido utilizado nesta análise, de memória discursiva, mas de memória enquanto história de um povo, memória coletiva de uma sociedade. É por isso que se defende tanto a preservação dos patrimônios culturais e regionais de uma cidade, porque neles estão guardadas as lembranças, as lutas, as resistências, as histórias, as memórias.

Ressalta-se ainda que o vídeo finaliza-se com a mesma resposta com a qual começou: “Nada”. Aqui, esta palavra não produz o mesmo efeito de sentido que produziu quando falada pelas crianças e adolescentes da escola pública. Mas um detalhe pode conduzir a um possível gesto de interpretação. Quando perguntaram, no início do vídeo, ao Sr. José Luís o que havia na cidade em 1600, o mesmo respondeu que nada havia, pois implicitamente, em seu discurso, significou-se que só começou a existir algo quando a civilização chegou a Tucano por meio da primeira casa construída em 1633. O

mesmo sujeito deste dizer, agora toma a palavra daquele que antes era o entrevistador e o questiona: “Um povo sem memória, o que é?”. Após a resposta, o sujeito, mais uma vez como atestador da verdade, reafirma: “Nada”. Assim, a memória histórica e coletiva da cidade pode ser compreendida, a partir dessas sequências discursivas, como proveniente da civilização, não mencionando o fato de os índios terem habitado em Tucano muito antes dessa civilização e aristocracia. E assim, se constitui, neste vídeo, a identidade de uma cidade que se identifica mais com a influência dos nobres aristocratas, do que com as tribos que nela viveram, pois, segundo Gregolin (2007, p. 164), “como um nó em uma rede, cada enunciado relaciona-se com outras séries de formulações, com outros trajetos que se cruzam e constituem identidades através da memória discursiva”.

Desse modo, tem-se sempre o já-dito, o interdiscurso, se inscrevendo no dito, no intradiscurso, fazendo tornar ao imaginário dos sujeitos a imagem de quando a cidade de Tucano se constituiu como tal. Neste processo discursivo, no qual a cidade se constitui um espaço simbólico de produção e confronto de sentidos, o sujeito se inscreve historicamente e rememora o imaginário ativando a memória discursiva que tanto conserva como desloca sentidos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da ADF, foi possível analisar o papel da memória discursiva enquanto efeito de sentido no discurso do vídeo “Fazenda Kaikai”, justamente porque essa teoria discursiva tem contribuído não só para a análise de discursos vários, mas de discursos sobre a cidade através dos estudos de Orlandi (2015), principalmente. Notou-se, por exemplo, que existe relação entre discurso e história graças à memória discursiva, na qual estão todos os dizeres, os já-ditos e que a rememoração do imaginário sobre a própria cidade se faz também por causa desta memória.

No vídeo “Fazenda Kaikai”, explicitou-se também a história de como Tucano nasceu e, devido ao destaque que o vídeo deu a essa narrativização sobre a cidade, pôde-se verificar como ela foi significada nos discursos e como isso se relaciona à constituição de sua identidade. Além disso, tendo em vista a impossibilidade de analisar efeitos de sentidos produzidos, principalmente, por conta da memória discursiva, sem analisar o sujeito e o lugar de onde se fala e para quem fala, notaram-se nesta pesquisa, as diversas posições-sujeito, o silenciamento, a paráfrase, a polissemia de seus dizeres. Ademais, as relações de poder e saber, e de como a subjetividade, parte elementar da linguagem, opera para a produção e circulação dos sentidos.

Verificou-se também que o discurso do vídeo inclina-se muito mais para a influência da Aristocracia, dos nobres que contribuíram para a formação da cidade, do que aos índios que viveram nela e que também, sem sombra de dúvidas, colaboraram para a constituição de Tucano. Há que se reiterar também que a menção que se faz à tribo indígena dos Tocanos se refere apenas à origem do nome da cidade, conforme se analisou no vídeo.

Desse modo, os elementos apresentados e analisados fazem parte da memória discursiva que atua fortemente na produção de efeitos de sentidos sobre a cidade de Tucano, entre sujeitos discursivos. O vídeo “Fazenda Kaikai”, como qualquer discurso, é também efeito da relação entre memória discursiva, história e ideologia e de como estas duas últimas não são apagadas, mas sempre retomadas ainda que implicitamente, no não-dito, produzindo novos sentidos.

REFERÊNCIAS

- BORA?. Fazenda Kaikai. YouTube, 30 de março de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o6lZ5i1QXsA> Acesso em: 15 jun 2017.
- COURTINE, J. Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- CUTRIM, Ilza Galvão; CERVEIRA, Marília de Carvalho. Identidade e memória na produção dos sentidos que atravessam a cidade. In: CUTRIM, Ilza Galvão; CRUZ, Mônica da Silva (Orgs.). Entre discursos: memória, produção e circulação de sentidos. São Luís: EDUFMA, 2016.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Linguagem, Ideologia e Psicanálise. In: Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, n.1, 2005b, p. 69-75.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.
- GRIGOLETTO, Marisa. Silenciamento e memória: discurso e colonização britânica na Índia. Organon (UFRGS), Porto Alegre – RS, v. 17, n.35, 2003, p. 229-243.
- HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussureano: língua, linguagem e discurso. IN: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007.
- IPEA. População e PIB das cidades médias crescem mais que no resto do Brasil. Release, 2008. Disponível em: <http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/pesquisa%20ipea.pdf> Acesso em: 20 ago. 2017.
- ORLANDI, E. P. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. Rua, Campinas, 1998.
- _____. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005a.
- _____. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. In: Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, n.1, 2005b, p. 9-13.

- _____. N/O limiar da cidade. RUA, Campinas, SP, 2015, p. 7-19. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640678> Acesso em: 20 ago. 2017.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). Introdução à Linguística 3: fundamentos epistemológicos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 353-392.
- PREFEITURA DE TUCANO. Tucano e sua história. S/D. Disponível em: <http://www.tucano.ba.gov.br/nossa-cidade.php> Acesso em 20 ago. 2017.
- PUC-RIO. Capítulo 3: O que é que a baiana tem? S/D. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/19417/19417_5.PDF Acesso em 20 ago. 2017.
- ROCHA, Rubens. História de Tucano. Monografia de Licenciatura em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica do Salvador. 1987.
- UFRGS. Glossário de Termos da AD. S/D. Disponível em: www.discursos.ufrgs.br Acesso em 28 de maio de 2017.

Recebido em: 08/08/2018

Aprovado em: 23/10/2018

Publicado em: 31/12/2018